

COISAS PARA (RE)VESTIR
NOTAS SOBRE INDUMENTÁRIA, CIÊNCIAS E ACERVOS
THINGS FOR CLOTHING
NOTES ON INDUMENTS, SCIENCES AND ARCHIVES

EMA RIBEIRO PIRES | Doutora em Antropologia pelo Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL) e professora no Departamento de Sociologia da Universidade de Évora.

MARIANA GALERA SOLER | Investigadora colaboradora do Instituto de História Contemporânea e doutoranda em História na Universidade de Évora.

RESUMO

Neste artigo analisamos a dimensão intersticial dos indumentos e da indumentária enquanto categorias partilhadas por vários domínios científicos. Escrevendo desde a perspectiva da biologia e da antropologia, discutimos o lugar dos indumentos em processos sociais de classificação e circulação.

Palavras-chave: categoria; história natural; antropologia; circulação.

ABSTRACT

In this paper, we analyse the interstitial dimension of induments, as categories which are shared by various scientific domains. Written from the perspectives of biology and anthropology, we discuss the place of induments in social processes of classification and circulation.

Keywords: category; natural history; anthropology; circulation.

RESUMEN

En éste artículo analizamos la dimensión intersticial de los indumentos, como categorías comunes a varios dominios científicos. Escribiendo desde las perspectivas de la biología y la antropología, analizamos el hogar de los indumentos en procesos sociales de clasificación y circulación.

Palabras clave: categoría; historia natural; antropología; circulación.

INTRODUÇÃO

Este texto explora dimensões antropológicas e biológicas das expressões “indumento” e “indumentária”, tomadas enquanto categorias científicas de classificação de objetos e associadas frequentemente a seres vivos (humanos e não humanos). Este trabalho é influenciado pela *teoria da prática* (Bourdieu, 2002) e pelo *paradigma ecológico* (Velho, 2001; Ingold, 2011, 2012). Partimos, portanto, do pressuposto da existência de uma teia de relações entre os ambientes e os seres vivos (Ingold, 2011). O enfoque da nossa análise reside em entender a indumentária enquanto parte integrante dessa teia de relações, por meio das quais os humanos habitam o mundo.

Como categorias, “indumento” e “indumentária” estão imersos em malhas de significados múltiplos, partilhados por vários campos científicos. No decorrer do presente texto, dialogamos entre os campos disciplinares da antropologia e da biologia, com o objetivo de argumentar a favor da intersticialidade (*in-betweenness*) dessas categorias no quadro dos sistemas de classificação científicos e socioculturais usados para ordenação e compreensão da vida.

AS CATEGORIAS COMO FORMAS DE ORGANIZAR O MUNDO

Em um dos livros mais importantes do século XX, *Les mots et les choses*, Michael Foucault (1966) assume que a inspiração para a sua escrita vem do riso provocado pela leitura da tradução de uma antiga enciclopédia chinesa, cuja classificação zoológica presente não possui qualquer relação com os sistemas de classificação que conhecemos (os animais são separados, por exemplo, como “que se agitam como loucos” ou “de longe parecem moscas”). Em contrapartida, no primeiro capítulo desse mesmo livro, faz uma ampla discussão sobre o quadro *As meninas* (1656), de Diego Velásquez, em que discute a construção de significados da obra, a partir da posição das personagens presentes e das limitações da linguagem em termos de descrição, nos vários pontos de vista disponíveis. Ambos os exemplos são alegorias da representação: nos diferentes planos de Velásquez ou nas insólitas categorias zoológicas chinesas, quais são as formas que vemos e descrevemos o mundo?

Como apontado por Pombo (1998), as classificações nos fornecem certa segurança sobre a realidade em que estamos inseridos. A investigadora, a partir dessa mesma obra de Foucault, destaca que as classificações são os códigos fundamentais de todas as culturas, não no sentido vulgarmente sociológico e relativista de instituições que variam no tempo ou espaço, mas como “solos epistêmicos, ‘onde os próprios conhecimentos enraizam a sua possibilidade’ [Foucault, 1966, p. 10] e onde o olhar minucioso, descritivo, hierarquizador e relacional que torna possível a constituição de todos os saberes encontra o seu próprio princípio de instituição” (Pombo, 1998).

Para Foucault a classificação é uma ação empírica, baseada em aproximar, isolar, analisar, ajustar e encaixar conteúdos concretos, utilizando uma linguagem fiel e bem-modulada. E a

história natural é a ciência dos caracteres que articulam a continuidade da natureza e suas imbricações, tornando-se uma linguagem (Foucault, 1966).

Os sistemas de classificação com base na semelhança são conhecidos pelo menos desde Aristóteles, quando a classificação dos animais seguia um sistema lógico preciso. Com Lineu, no século XVIII, surge um sistema de classificação em que as espécies eram designadas por binômios latinos e agrupadas em classes e em classes de classes. No entanto, a estrutura da classificação seguia rigorosamente a estrutura aristotélica (Amorim, 2005).

Obviamente, a classificação não surge no século XVIII, mas foi nesse período em que se percebe o distanciamento entre os signos e as semelhanças, e o pensamento cessa de se mover na busca de elementos igualitários. Considerando que as semelhanças promovem um jogo infinito, em que é sempre possível descobrir novas similitudes, a única limitação vinha da ordenação das coisas. No entanto, baseada na diferença, uma enumeração completa torna-se possível: quer sob a forma de um recenseamento exaustivo de todos os elementos que constituíram o conjunto visado; quer sob a forma de uma colocação em categorias que articulam na sua totalidade o domínio estudado; quer, enfim, sob a forma de uma análise de certo número de pontos tomados ao longo da série (Foucault, 2002).

A partir do final do século XVIII e início do XIX, particularmente com Lamarck, começa a ficar evidente o conceito de que as espécies poderiam não ser entidades fixas, questionando os pressupostos aristotélicos quanto à ontogenia das espécies. De forma que, no século XIX, há uma ruptura epistemológica, quando o conceito de ancestralidade comum entre as espécies passou a estar disponível como ordenador da diversidade (Amorim, 2005).

Dessa forma, um organismo pode ser variado e simultaneamente considerado como um sistema genético (ou conjunto de genes), como um sistema morfológico (ou um conjunto de caracteres taxonômicos), como um sistema bioquímico (e, portanto, como conjuntos de proteínas, aminoácidos etc.), e assim por diante. Cada um desses modos de se ver um organismo (ou seja, qualquer um dos modos de apreender a realidade de um objeto) é considerado uma categoria.

A palavra grega *kategoría* significa *predicado, atributo, qualidade atribuída a um objeto*. Como um predicado, as categorias geram classificações que nos situam no mundo. No entanto, ao classificarmos objetos, os problemas das categorias são sentidos vividamente. Aristóteles teve esse problema ao classificar os animais: o filósofo deparou-se com diferentes sistemas classificatórios, baseados em diferentes categorias, que resultavam total ou parcialmente incongruentes (Papavero; Abe, 1992).

Então, os sistemas de classificação, como apontado por Foucault, buscam o limiar em que o nome comum não se torne nome próprio. A biologia contemporânea encontrou respostas na sistemática filogenética (método proposto por Willi Hennig, 1966), em que a estrutura das classificações deve refletir de maneira precisa e inequívoca o conhecimento disponível sobre as relações de parentesco entre os táxons (agrupamentos cujos elementos são organismos biológicos e cuja definição seja algum tipo de semelhança compartilhada por eles) incluídos nas classificações (Amorim, 2005). Nesse caso a diferença organiza, mas é a semelhança que garante a continuidade evolutiva da natureza.

NATURALIA, ARTIFICIALIA E AS CLASSIFICAÇÕES DO MUNDO E DOS OBJETOS

As observações dos fenômenos naturais estão entre as mais antigas e diversas práticas humanas, que ganharam impulso e embasamento empírico à medida que se questionou o funcionamento do universo. A partir da exploração dos novos continentes, a Europa saiu da sombra da Antiguidade e ampliou seus horizontes geográficos e mentais. E foram os objetos que materializaram a diversidade e o exótico experimentados.

O mundo até então era dividido entre o macrocosmo (que representava Deus e seus “produtos”, representados pela natureza) e o microcosmo, cujos produtos eram entendidos como arte ou ação humana. Na constante oscilação entre a arte e a natureza, seja em competição ou em parceria, a inserção dos objetos em qualquer uma dessas categorias refletia ou referia-se às inter-relações de Deus com os humanos, do macrocosmo com o microcosmo. *Naturalia* e *artificialia* são as primeiras e mais antigas categorias de um elaborado sistema de correspondências, frequentemente e deliberadamente obscuro, muitas vezes para proteger o conhecimento “secreto” dos olhos profanos (Hooper-Greenhill, 1992).

Dessa forma, os conjuntos variados e díspares de objetos reunidos nas primeiras coleções enciclopédicas (os famosos gabinetes de curiosidades ou de maravilhas) podem parecer confusos aos olhares contemporâneos. No entanto, havia guias teóricos que aconselhavam sobre a disposição e a ordenação de tais coleções. Um dos mais antigos foi escrito pelo belga Samuel van Quiccheberg (1529-1567), em 1565. Em *Inscriptiones vel tituli theatri amplissimi*, é descrito o gabinete de curiosidades ideal, onde já é possível identificar uma clara distinção entre os espaços e objetos: salas separadas para *naturalia* – os objetos a partir da natureza – *mirabilia* – os objetos produzidos pela ação humana – e *artificialia*, as antiguidades e objetos exóticos que remetem a povos desconhecidos, além de espaços para a genealogia da família, biblioteca e farmácia (Müsch, 2015).

Os objetos materializam as experiências e as memórias de territórios, culturas ou batalhas. Já as categorias são as estruturas epistemológicas que mediam nossa relação com o mundo material exterior e são materializadas pelas coleções de objetos (ou *coisas*). Portanto, também nos posicionam na realidade em que estamos inseridos e servem de “índices” da memória coletiva (claramente construída e passível de questionamento).

O INDUMENTO COMO CATEGORIA APLICADA ÀS CIÊNCIAS

A partir dessa breve discussão sobre a organização e classificação do mundo e das coisas, destacamos o conceito de categoria e partimos da *naturalia* para demonstrar, para localizar o *indumento* nas ciências. Trazemos aqui a visão das ciências biológicas, em que o termo “indumento” ganha caráter taxonômico, fisiológico e ecológico. Na botânica, tal termo refere-se ao conjunto de estruturas que revestem principalmente as folhas (embora também possa ocorrer em outros órgãos vegetais) e pode ser encontrado como sinônimo de *plants hair* (Olowokudejo, 1992).

As estruturas que compõem o indumento vegetal são os tricomas, apêndices da epiderme altamente variados, cuja função varia ao longo da ontogenia e do órgão vegetal sob o qual se desenvolve. Assim, a partir de suas propriedades físicas (tipo, tamanho e densidade), os tricomas podem atuar na proteção das folhas contra o calor excessivo e a radiação solar, a excreção de sal e toxinas, o aumento da repelência (ou diminuição de perda) da água e na proteção contra insetos e fungos (Tschan; Denk, 2012; Wagner, 2004). Usualmente, plantas que se desenvolvem em ambientes com alta radiação tendem a mostrar alta densidade de tricomas (Milanez; Machado, 2011).

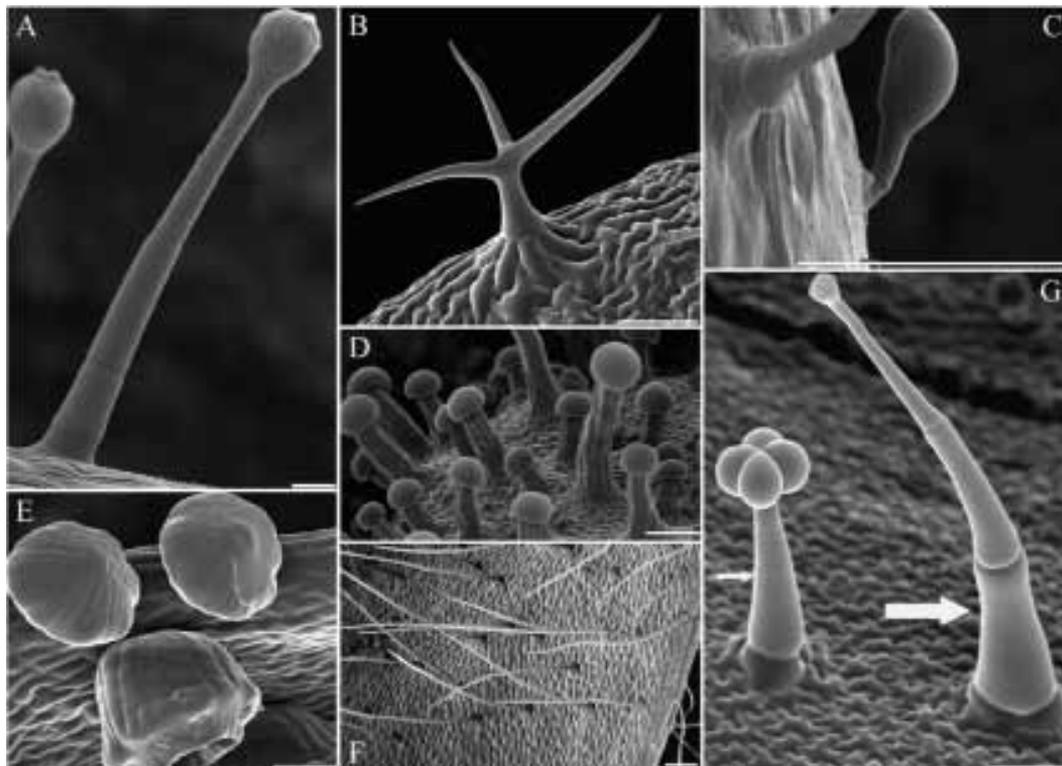


Figura 1. Imagens em microscopia eletrônica de diversos tipos de tricomas. A. tricoma glandular de *Medicago sativa* (alfafa). B. Tricoma não glandular de *Arabidopsis thaliana* (espécie modelo em diversos estudos de genética e botânica). C. Tricoma em pétala de *Medicago truncatula* (espécie similar à alfafa, utilizada como modelo de estudos genéticos). D. Diversos tricomas em uma bráctea fêmea de *Cannabis sativa* (maconha). E. Tricoma glandular em uma bráctea de *Humulus lupulus* (lúpulo). F. Tricoma não glandular da folha de *M. truncatula*. G. Dois tipos diferentes de tricomas em uma folha de *Solanum lycopersicum* (tomate). A barra abaixo das imagens representa 100mm. Fonte: Dai et al., 2010.

A importância do indumento nas plantas está tanto no papel biológico como no uso na pesquisa em história natural. Os tricomas foram uma das primeiras características anatômicas reconhecidas, a partir do uso do microscópio (Wagner, 2004). E embora os tricomas sirvam como ferramentas simples da morfologia pela facilidade com que são examinados e por possuírem grande ocorrência nas plantas, particularmente samambaias e plantas com flores (angiospermas), até a segunda metade do século XX o interesse pelo indumento na botânica era superficial.

Contudo, há um crescente aumento de interesse a partir da percepção da importância individual dos tricomas e do indumento no ciclo de vida vegetal, na influência sobre o desenvolvimento dos órgãos sob os quais amadurecem (frequentemente ainda nos períodos iniciais), sobre o seu papel como repositório de toxinas ou como receptores primários de estímulos e forças ambientais (Payne, 1978).

Dessa forma, a diversidade e abundância fazem dos tricomas (e, conseqüentemente, do indumento) objeto de pesquisa em morfologia e anatomia vegetal, fornecendo informações sobre taxonomia, ecologia, fisiologia e desenvolvimento (Payne, 1978; Tschan; Denk, 2012; Wagner, 2004). Além disso, Hülskamp (2004) utilizou os tricomas como modelo para pesquisa em genética, sobre o desenvolvimento e a diferenciação de células vegetais.

No entanto, há um desafio técnico imposto ao estudo dos indumentos na botânica, especialmente nos estudos taxonômicos. Uma vez que esses estudos geralmente são feitos com base em espécimes de coleções de museus e herbários – as exsicatas – que correspondem a folhas adultas e secas, podem ocorrer erros de interpretação, dada as alterações ontogenéticas do indumento (Milanez; Machado, 2011).

INDUMENTO EM MUSEUS DE HISTÓRIA NATURAL

Ao considerarmos os indumentos e a indumentária como categorias dos acervos museológicos, sendo essa uma área marcadamente interdisciplinar (Andrade, 2016), nos deparamos com uma miríade de possibilidades, que vão desde a motivação original para a formação das coleções, ou para a incorporação de indumentária aos acervos de naturezas diversas, passando pelas políticas de conservação e aquisição, até os interesses curatoriais e o atendimento ao público.

Considerando o foco deste trabalho na discussão do indumento como categoria intersticial entre diferentes campos do conhecimento, destacamos um exemplo bastante particular: a utilização de acervo de museu na construção de indumentos, no contexto do Brasil imperial.

Pouco mais de dois meses após a data oficial da proclamação da Independência do Brasil (7 de setembro de 1822), José Bonifácio de Andrada e Silva, então ministro do Império e conhecido como o “Patriarca da Independência”, emitiu uma ordem solicitando todas as penas amarelas dos espécimes de tucano-do-bico-preto (*Ramphastos vitellinus*), já preparados no Museu Imperial do Rio de Janeiro (atualmente, Museu Nacional do Rio de Janeiro), deixando apenas dois espécimes completos (Lopes, no prelo).

As penas de cor amarela alaranjada estão presentes apenas na região da garganta dessa espécie de tucano e foram destinadas a inventar um dos símbolos mais proeminentes do Império brasileiro: constituíram a murça, parte do “manto” que d. Pedro I usou na cerimônia quando foi consagrado e coroado imperador do Brasil e imortalizado nas imagens de Debret (Lopes, no prelo).

O pintor francês Jean-Baptiste Debret (1768-1848) foi o primeiro a realizar um conjunto de pinturas voltadas à representação da corte portuguesa no Rio de Janeiro. A obra *Viagem*

pitoresca e histórica ao Brasil, publicada em três volumes entre 1834 e 1839, em Paris, apresenta uma série de ilustrações correspondentes aos principais eventos ocorridos no reinado de d. João VI e império de d. Pedro I, além da construção de uma iconografia de caráter nacionalista, inteiramente nova, relativa ao Primeiro Império (Dias, 2006).



Figura 2. Jean-Baptiste Debret, coroação de d. Pedro I, gravura. DEBRET, Jean-Baptiste. *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil*. Trad. Sérgio Milliet. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1989. v. III, prancha 10. Reprodução digital de Dias (2006).

Nessas ilustrações, d. Pedro I é mostrado com uma vestimenta diferente, portando uma espécie de manto que nos remete ao poncho, traje então utilizado pelos habitantes do sul do país e de São Paulo, bordado em ouro com as insígnias brasileiras, forrado de seda amarela para evitar o calor, além da murça feita com plumas de tucano. Desse modo, para a composição do manto, são recuperados elementos nacionais: as cores verde, associada às matas, e amarela, associada às plumas de uma ave brasileira, além de sua forma aproximada à do poncho, um traje pertencente aos usos e costumes, também utilizado pelos cavaleiros brasileiros (Dias, 2006). As cores, como um dos pontos mais fortes da simbologia do traje imperial, foram reproduzidas no manto de d. Pedro II e a murça refeita para o novo imperador. Esse indumento está atualmente no Museu Imperial, em Petrópolis, Rio de Janeiro.¹

INDUMENTOS NO MUNDO SOCIAL CONTEMPORÂNEO

Ao longo desta seção e seguintes, focamos o olhar no campo disciplinar da antropologia, com o objetivo de argumentar a favor da intersticialidade da categoria indumentária enquanto parte de processos sociais contemporâneos.

Herdamos de Pierre Bourdieu a demonstração de como a indumentária é um dos “campos” em jogo no espaço social. Bourdieu define “*habitus* (compleição ou conjunto de aptidões) como ‘um sistema de disposições adquiridas pela aprendizagem, implícita ou explícita, que funciona como conjunto harmônico de esquemas cognitivos e corporais’” (Etiénne et al., 1998).

A definição de Bourdieu é útil para nosso recorte conceitual de indumentária, enquanto categoria de identificação e/ou de diferenciação, imersa no universo das práticas sociais. Muitas peças de indumentária inscrevem-se em práticas de consumo que acontecem em espaços muito distantes dos locais onde foram produzidas (Howes, 1996) e, ainda que possam manter a forma da sua materialidade (Tilley, 1994), reconfiguram os seus usos e funcionalidades de acordo com os novos ambientes onde são usadas.

O contexto empírico descrito ilustra algumas dessas dimensões de reconfiguração de usos de indumentos. Debruçamo-nos sobre a dimensão social da circulação e uso de objetos de indumentária entre a Ásia e a Europa, considerando como contexto de análise um bairro residencial localizado em Malaca, cidade do sudeste asiático, na Malásia peninsular.

A estrutura urbana daquela cidade, localizada no estreito com o mesmo nome, é demonstrativa da sua história enquanto entreposto comercial importante na região. Essa importância secular como entreposto de comerciantes e produtos (no eixo comercial que ligava o mar da China ao oceano Índico) motivou que a cidade tenha sido cobiçada e dominada, durante séculos, por várias potências coloniais europeias: primeiramente pelos portugueses (1511-1641), depois por holandeses, e, já no século XIX, por ingleses, que a governaram até

¹ É possível acessar uma detalhada descrição do traje utilizado por d. Pedro II e uma discussão do traje como indumentária em: O simbolismo no traje majestático usado pelo imperador d. Pedro II. Disponível em: <<https://www.google.com/culturalinstitute/beta/exhibit/o-simbolismo-no-traje-majestático-usado-pelo-imperador-pedro-ii/IgLy406355CnJA?hl=pt-BR>>. Acesso em: 28 fev. 2018.

a proclamação da independência do país, em 1957. Até o presente, a matriz sociocultural e urbana da cidade guarda as marcas desse processo de (des)continuidade sociocultural, como veremos em seguida.

O BAIRRO PORTUGUÊS DE MALACA

O bairro português de Malaca é o nome dado, em língua portuguesa, ao local que é cotidianamente designado na Malásia como *Portuguese Settlement* (em língua inglesa), *Padri sa Chang* (em língua kristang) e *Kampung Portugis* (em língua malaia). Este espaço residencial foi construído no final da década de 1920 para alojar membros de uma população carenciada de euroasiáticos portugueses (Pires, 2012). Essas pessoas são os *kristangs*, também reconhecidos, por habitantes membros de outras etnias, pela designação *seranis* (nome que remete para a sua identidade religiosa enquanto *nazarenos*, crentes em Jesus de Nazaré).

O espaço social que analisamos surgiu na sequência de uma proposta de dois missionários europeus e é habitado desde a década de 1930. O bairro residencial onde habitam os *kristangs*, grupo de euroasiáticos estudados extensivamente por Brian O'Neill (1997, 2002, 2003, 2008) e por outros autores (Pires, 2012, 2013; Sarkissian, 2000), hoje está inscrito na malha suburbana da cidade de Malaca e é assim descrito:

contam-se sete ruas, um convento da Ordem Canossiana, um palco para ocasiões festivas, uma praça erigida em 1984 com o apoio do governo português, um sino doado no mesmo ano pela Fundação Calouste Gulbenkian, uma escola primária, três pequenas lojas, sete restaurantes e uma fila de *stalls* ('vendas') à beira-mar dedicados à confecção de pequenas refeições (O'Neill, 1997, p. 68).

O processo turístico no bairro efetiva-se de modo contínuo e gradual. Com efeito, segundo nos refere O'Neill, o espaço do bairro português

tem-se tornado, em anos recentes, um centro nevrálgico da indústria turística de Malaca, a ponto de constar em praticamente todas as brochuras e catálogos turísticos da Malásia como confirmação viva da natureza pluriétnica e multicultural do país. Estes textos incluem invariavelmente uma fotografia de um rapaz e rapariga portugueses de Malaca a dançar em estilo 'folclórico'. Estas imagens emblemáticas são reconhecidas e interiorizadas pelos próprios *kristang* (O'Neill, 1997, p. 68).

A condição ambivalente dos *kristang* quanto a sua identidade de euroasiáticos (Lee, 2004) caracteriza a vida social do grupo, na construção de fronteiras de identidade entre as categorias europeia e asiática. É nesse espaço intersticial das fronteiras da identidade *kristang* de Malaca que o grupo desenhou redes de apropriação e circulação de um conjunto de coisas que localmente são conhecidas como "cultura importada" e que também incluem indumentos.

INDUMENTOS NO MUSEU DO BAIRRO PORTUGUÊS DE MALACA

Localizado no centro desse espaço residencial, o museu do bairro português é um espaço que reúne doações de famílias euroasiáticas e coleções de objetos variados, constituindo-se enquanto gabinete de curiosidades que alberga parte do acervo identitário dos *kristang*.

No perfil disponível na rede social Facebook, a fotografia do Portuguese Settlement Heritage Museum apresenta quatro pessoas em trajes portugueses. Uma mulher jovem sentada, na parte frontal da fotografia, está vestida com indumentária portuguesa de origem europeia. Atrás dela, vemos um rapaz jovem com um traje português, de produção local, e de igual influência estética de indumentos do folclore de várias partes de Portugal: chapéu e colete pretos, blusa azul e lenço ao pescoço. Ao lado da jovem, estão dois homens envergando trajes folclóricos de pescadores com “barretes” (chapéus de pano), de igual influência estética portuguesa. Na fotografia, todos os humanos de perfil usam meias brancas de algodão, que cobrem a pele até ao Joelho. E, adicionalmente, os três homens presentes na fotografia usam faixas de tecido na cintura, as quais também são marcas evocativas de trajes folclóricos de Portugal (Portuguese Settlement Heritage Museum, 2014).

Dentro do espaço virtual do museu, encontramos uma ligação para um outro documento visual, que ajuda a contextualizar os indumentos em circulação no bairro. O documento audiovisual de Akmalina (2015), intitulado *Kaun Serani di Melaka*, publicado na página institucional do Heritage Museum do bairro português na rede social Facebook, apresenta uma narrativa visual sobre a identidade cultural dos portugueses de Malaca, a partir de um estudo realizado no museu local. Nesta descrição, a indumentária é inscrita como parte do espaço social em que se inscreve o grupo, no contexto social mais amplo da Malásia contemporânea.

Akmalina apresenta a vestimenta presente na coleção do museu, representativa de como o grupo se autorrepresenta, ao olhar da realizadora. Num primeiro momento, são apresentados indumentos “tradicionais”, com vestes longas e de cores suaves, usadas por mulheres (Akmalina, 2015, 1:27 min). Posteriormente (1:35 min), a realizadora desvenda a existência de outra subcategoria de indumentos no museu, que visualmente reconhecemos como parte da indumentária usada pelo grupo dos *kristang* nas suas performances musicais. Esses indumentos são coloridos – o que a realizadora classifica com a designação, em malaio, de *Pakian Tarian* e *Peralatan Tarian* – e constituem-se como vestimentas de uso contemporâneo, por pessoas dos gêneros masculino e feminino, desenhados de acordo com critérios estéticos que não são explicitados no documento visual. Nessa segunda subcategoria, a indumentária masculina é composta por calças e colete pretos, com bordados coloridos, lenço no pescoço e uma blusa branca. O traje feminino tem cor amarela, apresentando uma saia rodada (amarela e preta), uma blusa branca e um colete (amarelo e preto).

Em seguida, no minuto 1:39, são apresentadas fotografias de outros indumentos coloridos: lenços “portugueses”, com desenhos de flores estampados com cores vivas, e em cima destes está colocado um chapéu de cor preta (Akmalina, 2015, 1:29 min).

Segundo o líder de um dos grupos musicais do bairro português, o euroasiático Joe Lazaroo,² quase todas estas peças de indumentária presentes no acervo do museu estão inseridas nos processos de circulação que transcendem a sua dimensão enquanto artefatos culturais do passado, inscrevendo-se no *habitus* do grupo e na sua teia de relações, tecidas nos mundos sociais da Malásia contemporânea.

Com efeito, indumentos semelhantes aos do acervo do museu e descritos por Akmalina (2015) são usados nas performances musicais de danças portuguesas. Os chapéus, vestidos apenas pelos homens nas mesmas performances, são adquiridos no comércio local de Malaca, e produzidos originariamente na China. Os lenços coloridos têm local de produção indefinido. A sua forma e cor são idênticas aos lenços portugueses europeus, usados pelas mulheres dos grupos etnográficos e folclóricos de Portugal.

A DIMENSÃO PROCESSUAL DAS COISAS DE RE(VESTIR)

No contexto em análise, a indumentária de origem europeia (localmente chamada de “cultura importada”) é parte integrante de um sistema mais amplo de coisas, que compõem práticas culturais de investimento (estético e ideológico) de promoção de folclore português em Malaca, um processo que parece ter sido efetivado por agentes coloniais com ligações em Portugal, a partir do início da década de 1950 (Pires, 2012).

Após a Segunda Guerra Mundial, quando os euroasiáticos teciam e reconfiguravam a sua identidade cultural, na transição entre o poder colonial britânico e o poder pós-colonial malaio, a procura de referências culturais para o grupo no contexto dos novos tempos sociais efetivou-se numa geografia de conexões construídas entre várias partes da Ásia, onde estavam localizados, incluindo nessa rede de conexões também um lugar distante, Portugal.

Embora as referências a Portugal fossem difusas, poderiam ser aproximadas pela origem dos seus antepassados, pelo fato de falarem uma língua de base lexical portuguesa e também pela circunstância de existir na cidade uma missão de padres católicos portugueses, os quais agiam, duplamente, como evangelizadores e promotores culturais de Portugal na região. É nesse contexto que, em 1952, a cidade de Malaca recebeu a visita do ministro do Ultramar de Portugal, almirante Manuel Maria Sarmiento Rodrigues. A autoridade foi recebida pela comunidade dos euroasiáticos de Malaca com cerimônias e danças de folclore português, quando a indumentária, as músicas e danças, de influência portuguesa, foram, pela primeira vez, apresentadas ao público.

A euroasiática Christine Rodrigues (figura 3A) era adolescente quando aprendeu a dançar músicas de folclore português, por ocasião da visita do citado ministro à sua cidade. Ela

2 Entrevistas realizadas em agosto de 2006, julho de 2007 e dezembro de 2008 (Pires, 2012).

passaria a integrar, nas décadas seguintes, a rede de agentes de promoção de folclore e de indumentária da “cultura importada”: viajou várias vezes para Portugal, a primeira das quais ainda na juventude, em 1954, a convite do governo português, quando teve contato com a indumentária e o folclore de várias partes do país. Foi dançarina de danças portuguesas, professora de música e guarda até hoje, na sua residência, as marcas da sua identidade cultural euroasiática (figura 3B).



Figura 3. A. Christine Rodrigues, fotografada enquanto jovem (década de 1950) com trajes portugueses importados de Portugal. Reprodução digital de fotografia (por gentil cedência de Christine Rodrigues). B. Christine Rodrigues, fotografada em 2008, com uma boneca portuguesa em miniatura na mão. Fonte: Pires (2012).

‘CULTURA IMPORTADA’ E, ENTRETANTO, (RE)APROPRIADA

Como se analisou em outro lugar (Pires, 2012), “cultura importada” é uma categoria que traduz o processo de mobilidade de pessoas e objetos entre espaços, tanto em tempo colonial como em tempo pós-colonial. Designa, em concreto, a mobilidade de formas musicais e de objetos de indumentária, entre Portugal e a Ásia, no século XX, e a sua apropriação por agentes vários, com ligações ao bairro português de Malaca.

O conceito de “cultura importada”, divulgado pela académica Margaret Sarkissian (2000), foi apropriado pelos euroasiáticos portugueses de Malaca de um modo criativo e como cimento de uma “comunidade imaginada” (Anderson, 1999), de pertenças multissituadas, fronteiras transcontinentais e com usos e reapropriações turísticas e patrimoniais.



Figura 4. Dançarinos de um dos grupos musicais do bairro português de Malaca, numa pausa entre performances, durante as festividades de celebração do Natal de 2008. Fonte: Pires (2012).

Os objetos que circulam entre os *kristang*, referentes ao folclore português, têm um valor interno enquanto coisas identitárias, e, ao mesmo tempo, uma certa pátina de antiguidade, em referência a um mito de origem construído, o mesmo a que se refere Jean Baudrillard (1972) quando interpreta os sistemas de objetos em análise na sua obra, hoje, clássica. Diz-nos ele que:

Toda uma categoria de objetos [...] são os objetos singulares, barrocos, folclóricos, exóticos, antigos. Parecem contradizer as exigências do cálculo funcional para responder a um propósito de outra ordem: testemunho, lembrança, nostalgia, evasão. Pode-se ser tentado a ver neles uma sobrevivência da ordem tradicional e simbólica. Mas tais objetos, ainda que diferentes, fazem parte eles também da modernidade e dela retiram seu duplo sentido (Baudrillard, 1972, p. 81).

Mas como ler a persistência social desta indumentária evocativa de um passado europeu? Arjun Appadurai é útil nesta leitura interpretativa:

Para uma ex-colônia, a descolonização é um diálogo com o passado colonial e não o mero dismantelar dos hábitos e maneira de viver coloniais. Nunca as complexidades e ambiguidades deste diálogo foram mais evidentes do que nas vicissitudes do críquete naqueles países que fizeram parte do Império britânico. [...] Em todos os grandes debates públicos havidos na Índia contemporânea, há sempre um nível subjacente, que é a questão de saber o que fazer com os farrapos e remendos da herança colonial. Alguns desses remendos são institucionais, outros são ideológicos e estéticos (Appadurai, 2004, p. 123).

Como vários autores têm demonstrado (O'Neill, 2008; Pires, 2012, 2013), esses fragmentos do passado colonial são, na verdade, também recosidos, em versão de *patchwork* para consumo interno ao grupo dos *kristang* e também como recurso patrimonial e turístico, na cidade de Malaca e na Malásia contemporânea. Há uma extensa literatura produzida por autores (Carrier, 1995; Thorton, 1995; Siqueira, 2006; Ranger, 1983; Thomas, 1994) que estudaram processos de ocidentalismo e/ou ocidentalização comparáveis aos que observamos em Malaca e demonstraram como as persistências do colonialismo geraram modos alternativos de reler e reapropriar os processos sociais do passado para novas reconfigurações no presente. E é no seio desses processos dialógicos que encontramos os indumentos enquanto categorias intersticiais.

PRETÉRITO-PRESENTE: DISCUSSÃO EM ABERTO

Ao longo deste texto apontamos diferentes contextos em que os indumentos são entendidos como caráter que definem grupos, gerando as classificações que nos situam no mundo e em mundos sociais diversos, enquanto lugares plurais da contemporaneidade.

No entanto, como podemos interpretar o papel dos indumentos na persistência das malhas de fluxos, de coisas em circulação, entre locais distantes do mundo? Eles, enquanto objetos, contam-nos a história do mundo, a partir das malhas de circulação em que estão enredados.

Levy faz a seguinte referência acerca dos espaços *in-between*:

since there are on-going relationships between those living or situated in far-off, different places, there also is an area or a "space" between them. Depending upon the particular situation, these spaces vary in distance, in their relative difficulty and form of passage, and in their internal construction and organization (Levy, 2005, p. 22).

A relação entre as coisas e o mundo, e a existência de espaços intersticiais entre ambos, evoca a comparação que nos é trazida por Friedman, a propósito do "mar de ilhas" com que os cidadãos de Samoa, no Pacífico, imaginam o seu mundo:

The relation between practices of identity has also been discussed in terms of the social organization of movement itself, the way in which space is strategically organized into life processes. Samoans are spread out over the entire world, perhaps more than any other single population, and it has been suggested by anthropologists such as Epeli Hau'ofa and recently Marshall Sahlins that this is a specific cultural organization of the movement of people in which rhizomic practice is part of the basic structure of life. The latter, like many other Polynesians, understand their relation to the world not in terms of "islands in the sea" but as a "sea of islands", in which the ocean does not separate but joints. The reproduction of social life is not restricted to local resources but extends to a much wider region. This has generated a situation that, from the outside, is described as the ease of migration, but which from the inside, is not migration at all, but movement within a larger common world (Friedman, 2005, p. 151).

Aplicando ao nosso contexto, argumentar em favor da intersticialidade implica também transcender o olhar disciplinar do conhecimento, como a antropologia e a biologia. Propomos, assim, que o "indumento" é uma categoria que une diferentes tipos de plantas (as aquáticas que precisam repelir água, como as *Salvinia*, ou caracterizam a família *Solanaceae*), que aproxima cidadãos de Malaca a Portugal ou que legitima um membro da família real portuguesa como "primeiro imperador do Brasil" (utilizando para tanto o acervo institucionalizado de um museu).

Ademais, podem ser vistas categorias que marcam, como nos lembra Thomas (1994), as culturas do colonialismo, que têm nuances de ambivalência e de nebulosidade de distinções fixas entre sistemas de classificação. Nesse sentido, quer tomemos como referência a fotografia de perfil do *website* do museu do bairro português de Malaca, o acervo dos museus, as performances culturais dos grupos musicais do bairro português, ou o traje de d. Pedro I, o indumento emerge como categoria de classificação social e artefato de legitimação e distinção social.

No infinito jogo de similitudes apontadas por Foucault, a indumentária pode ser mais uma das similaridades e promover a identidade, para além de apenas isolar e estruturar classificações científicas ou socioculturais. Os objetos de indumentária, seja na *naturalia* ou *artificialia*, ultrapassam as linhas espaço-temporais: Portugal e Malásia, a Europa e Ásia, a América e a Europa, o local e o global, o acervo institucional e os objetos cotidianos do mundo.

Referências bibliográficas

AKMALINA, Nurul Amira. *Kaun Serani di Melaka*. 2015. 10min. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=2VlymKbiJKE>>. Acesso em: 4 mar. 2018.

AMORIM, Dalton de Souza. *Fundamentos de sistemática filogenética*. 2. ed. Ribeirão Preto: Holos, 2005.

ANDERSON, Benedict. *Imagined Communities: Reflections on the Origin and Spread of Nationalism*. London: Verso, 1999.

- ANDRADE, Rita Morais. Indumentária nos museus brasileiros: a invisibilidade das coleções. *Revista Musas*, Brasília, n. 7, p. 10-31, 2016.
- APPADURAI, Arjun. *Dimensões culturais da globalização*. Lisboa: Editorial Teorema, 2004.
- BAUDRILLARD, Jean. *O sistema dos objectos*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- BOURDIEU, Pierre. *Esboço de uma teoria da prática precedido de três estudos sobre etnologia Cabila*. Oeiras: Celta, 2002.
- CARRIER, James. *Occidentalism: Images of the West*. Oxford: Oxford University Press, 1995.
- DAI, X. et al. TrichOME: a Comparative Omics Database for Plant Trichomes. *Plant Physiology*, v. 152, n. 1, p. 44-54, 2010.
- DIAS, Elaine. A representação da realeza no Brasil: uma análise dos retratos de d. João VI e d. Pedro I, de Jean-Baptiste Debret. *Anais do Museu Paulista (História e Cultura Material)*, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 243-261, 2006.
- ÉTIENNE, Jean; BLOESS, Françoise; NOREK, Jean-Pierre; ROUX, Jean-Pierre. Bourdieu (Pièrre). In: *Dicionário de sociologia*. Lisboa: Edições Plátano, 1998. p. 38-44.
- FOUCAULT, Michel. *Les mots et les choses (une archéologie des sciences humaines)*. Paris: Gallimard, 1966.
- _____. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- FRIEDMAN, Jonathan. Diasporization, Globalization, and Cosmopolitan Discourse. In: LEVY, André; WEINGROD, A. (orgs.) *Homelands and Diasporas: Holy Lands and Other Places*. Stanford: Stanford University Press, 2005. p. 140-165.
- HOOPER-GREENHILL, Eilean. *Museums and the Shaping of Knowledge*. London: Routledge, 1992.
- HOWES, David. *Cross-Cultural Consumption: Global Markets, Local Realities*. London; New York: Routledge, 1996.
- HÜLSKAMP, Martin. Plant Trichomes: a Model for Cell Differentiation. *Nature Reviews Molecular Cell Biology*, v. 5, n. 6, p. 471-480, 2004.
- INGOLD, Tim. *The Perception of the Environment: Essays on Livelihood, Dwelling and Skill*. London: Routledge, 2011.
- _____. Toward an Ecology of Materials. *Annual Review of Anthropology*, v. 41, p. 427-442, 2012.
- LEE, Vicky. *Being Eurasian: Memories Across Racial Divides*. Hong Kong: Hong Kong University Press, 2004.
- LEVY, Andre. *Introduction*. In: LEVY, Andre; WEINGROD, Alex (eds.). *Homelands and Diasporas: Holy Lands and Other Places*. Stanford: University Press, 2005. p. 3-26.
- LOPES, Maria Margaret. Collections for an Empire. In: LOPES, Maria Margaret; LOURENÇO, Marta C (eds.). *Natural History Collections in Portugal and in Brazil: New Perspectives on Collecting, Institutions and Transfers*. Lisboa: Museu da Universidade de Lisboa, no prelo.
- MILANEZ, Camilla Rozindo Dias; MACHADO, Silvia Rodrigues. SEM Studies on the Leaf Indumentum of six Melastomataceae species from Brazilian Cerrado. *Rodriguésia*, v. 62, n. 1, p. 203-212, 2011.
- MÜSCH, Irmgard. Coleção de espécimes naturais de Albertus Seba e seu inventário ilustrado. In: SEBA, Albertus. *Cabinet of Natural Curiosities*. Bibliotheca UniversalisKoln: Taschen, 2015. p. 52-75.

- OLWOKUDEJO, J. Dele. Taxonomic Significance of Leaf Indumentum Characteristics of the genus *Biscutella* (Cruciferae). *Folia geobotanica & phytotaxonomica*, v. 27, n. 4, p. 401-417, 1992.
- O'NEILL, Brian J. A tripla identidade dos portugueses de Malaca. *Oceanos*, n. 32, p. 63-83, 1997.
- _____. Multiple Identities among the Malacca Portuguese. *Review of Culture/Revista de Cultura*, Instituto Cultural de Macau, v. 4 (edição internacional), p. 83-107, 2002.
- _____. Folclorização e identidade crioula no bairro português de Malaca. In: CASTELO BRANCO, Salwa; FREITAS BRANCO, Jorge (orgs.). *Vozes do povo: a folclorização em Portugal*. Oeiras: Celta, 2003. p. 587-597.
- _____. Patrimónios sobrepostos: a lusomania entre os Kristang de Malaca. In RAMOS, Manuel J. (coord.). *A matéria do património: memórias e identidades*. Lisboa: Edições Colibri/DepANT-ISCTE, 2003. p. 33-38. (Série Antropológica Avulsa, n. 2).
- _____. Résister à la domination: l'identité "portugaise" des Eurasiens de Malacca. *Arquivos do Centro Cultural Calouste Gulbenkian* (Lusophonie et Multiculturalisme), Lisboa; Paris: Centro Cultural Calouste Gulbenkian, v. XLVI, p. 37-64, 2003.
- _____. Displaced Identities among the Malacca Portuguese. In: ROSEMAN, Shaw R.; PARKHURST, Sharon S. (eds.). *Recasting Culture and Space in Iberian Contexts*. New York: State University of New York Press, 2008. p. 55-80.
- PAPAVERO, Nelson; ABE, Jair Minoro. Categorias do ser e biologia. *Estudos Avançados*, v. 6, n. 14, p. 143-156, 1992.
- PAYNE, Willard W. A Glossary of Plant Hair Terminology. *Brittonia*, v. 30, n. 2, p. 239-255, 1978.
- PIRES, Ema C. R. *Paraísos desfocados: nostalgia empacotada e conexões coloniais em Malaca*. 2012. 272 p. Tese (Doutoramento em Antropologia, Especialidade: Museologia e Património), ISCTE-IUL, Lisboa, 2012.
- _____. Showcasing the Past: on Agency, Space and Tourism. In: SARMENTO, João; HENRIQUES, Eduardo B. (eds.) *Tourism in the Global South: Heritages, Identities and Development*. Lisboa: Centre for Geographical Studies, University of Lisbon, 2013. p. 179-192.
- POMBO, Olga. Da classificação dos seres à classificação dos saberes. *Revista da Biblioteca Nacional de Lisboa*, v. 2, p. 19-33, 1998.
- PORTUGUESE SETTLEMENT HERITAGE MUSEUM. *Profile Picture*. Malaca, 13 de fevereiro de 2014. Disponível em: <<https://www.facebook.com/portsettmuseum/photos/a.709051459135341.1073741825.709049029135584/709052545801899/?type=3>>. Acesso em: 4 mar. 2018.
- RANGER, Terence. The Invention of Tradition in Colonial Africa. In: HOBBSAWM, Eric; RANGER, T. (eds.). *The Invention of Tradition*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983. p. 211-262.
- SARKISSIAN, Margaret. *D'Albuquerque's Children: Performing Tradition in Malaysia's Portuguese Settlement*. Chicago: University of Chicago Press, 2000.
- SIQUEIRA, Alito. Goa: do ocidentalismo ao pós-colonialismo. In: PEREZ, Rosa Maria (coord.) *Os portugueses e o Oriente: história, itinerários, representações*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2006. p. 153-166.
- THOMAS, Nicholas. *Colonialism's Culture: Anthropology, Travel and Government*. London: Polity Press, 1994.
- THORNTON, Robert. The Colonial, the Imperial, and the Creation of the 'European' in South African. In: CARRIER, James (ed.). *Occidentalism: Images of the West*. Oxford: Oxford University Press, 1995. p. 192-217.

TILLEY, Christopher. Interpreting Material Culture. In: PEARCE, Susan M. (org.). *Interpreting Objects and Collections*. London: Routledge, 1994. p. 67-75.

TSCHAN, Georg F.; DENK, Thomas. Trichome Types, Foliar Indumentum and Epicuticular Wax in the Mediterranean Gall Oaks, *Quercus* subsection *Galliferae* (Fagaceae): Implications for Taxonomy, Ecology and Evolution. *Botanical Journal of the Linnean Society*, v. 169, p. 611-644, 2012.

VELHO, Otávio. De Bateson a Ingold: passos na construção de um paradigma ecológico. *Mana*, v. 7, n. 2, p. 133-140, 2001.

WAGNER, G. J. New Approaches for Studying and Exploiting an Old Protuberance, the Plant Trichome. *Annals of Botany*, [s. l.], v. 93, n. 1, p. 3-11, 2004.

Recebido em 6/3/2018

Aprovado em 16/5/2018